

A MÚSICA COMO NARRATIVA DE MEMÓRIA E RESISTÊNCIA FEMININA NO ENSINO DE HISTÓRIA: PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O ENSINO MÉDIO A PARTIR DA MÚSICA “TRISTE, LOUCA OU MÁ”, DA BANDA FRANCISCO, EL HOMBRE

Jhennyfer Jenuino Galdino Tavares¹; Elisângela Cabral Moço²; Patrícia Cristina Aragão³.

¹Graduanda em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Queimadas - PB, Brasil. jenuino.jhennyfer@aluno.uepb.edu.br.

²Professora Mestre pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Supervisora do PIBID-UEPB. elisangelacabralmoco@gmail.com.

³Professora Doutora pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Coordenadora do PIBID-UEPB subprojeto História. patriciaaragao@servidor.uepb.edu.br.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a letra da música “Triste, Louca ou Má”, da banda Francisco, el Hombre (2016), como possibilidade pedagógica para o ensino de História no Ensino Médio. A fim de entender como a música, como arte e linguagem, pode ser incorporada como recurso didático em salas de aula capaz de promover a reflexão e o pensamento crítico acerca do sujeito histórico feminino. A metodologia adotada baseia-se na análise de produções acadêmicas que discutem o ensino de História, o uso de fontes culturais e as relações de gênero, articulando tais referenciais à interpretação da canção. O presente trabalho se caracteriza como um estudo qualitativo de caráter bibliográfico. Os questionamentos que motivaram esta pesquisa buscam possibilitar que os alunos compreendam a importância da problematização de questões relacionadas à resistência feminina, às relações de gênero e às normas sociais. Para embasar a análise, foram especificamente fundamentados nos aportes teóricos de Saffioti (2015), Squire (2014), Louro (2003), bem como de e Scott (2017) e Bittencourt (2008). Como resultado, a pesquisa revela que a música “Triste, Louca ou Má” (2016), pode ser utilizada como um instrumento metodológico que contribui para a construção do pensamento crítico e para a reflexão, por parte dos alunos, acerca da mulher como sujeito histórico, além de favorecer o desenvolvimento de uma consciência histórica crítica às questões de gênero e às formas de resistência presentes no cotidiano.

Palavras-chave: ensino médio; música; instrumento metodológico; ensino de História; Feminino.

O ensino de História foi historicamente moldado para ser relevante apenas narrativas nas quais valorizaram e privilegiavam o sujeito masculino, e que silenciavam quaisquer experiências sociais diversas, especialmente as femininas. Sobre isso, Gil e Eugênio (2018, p. 141) afirmam que:

Por muito tempo teve relevância uma História oficial com a qual se intentou construir um sentido de identidade para o projeto de nação em curso, cuja meta era formar o patriota defensor dos valores universais “branco, católico e masculino”. [...] Hoje, vivemos em uma tensão permanente para não ensinar uma história universalista, centrada em homens, etnocêntrica, elitista e preocupada com os objetivos políticos dos acontecimentos.

Diante desse contexto, torna-se necessário repensar práticas pedagógicas que apresentem também as mulheres como sujeitos históricos, que ampliem as formas de abordagem do passado e incorporem outras linguagens e fontes.

A música, como arte e linguagem, tem um papel fundamental no ensino de História e para discutir narrativas e memórias dos sujeitos excluídos da narrativa histórica, sendo capaz de facilitar a compreensão -ao fazer com que o conteúdo abordado se torne lúdico aos discentes-, refletir e analisar contextos sociais a partir da interpretação da letra ou contexto na qual a música está inserida. Segundo Barbosa (1995, p. 12 e 13):

Através das artes temos a representação simbólica dos traços espirituais, materiais, intelectuais e emocionais que caracterizam a sociedade ou o grupo social, seu modo de vida, seu sistema de valores, suas tradições e crenças. A arte, como uma linguagem presentacional dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos através de nenhum outro tipo de linguagem, tais como as linguagens discursiva e científica.[...] Através das artes é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada.

Assim, a música como expressão artístico-cultural possibilita a análise de diversos períodos históricos e grupos sociais, sendo instrumento de resistência e denúncia. Representando assim, uma ferramenta didática capaz de mobilizar emoções, experiências e memórias coletivas, além de possibilitar a construção de narrativas históricas mais plurais. Podendo ser utilizada em sala de aula como uma fonte histórica, permitindo a análise de representações sociais e de experiências coletivas. Ao trabalhar com músicas, o docente amplia o repertório metodológico e aproxima o conteúdo da realidade dos estudantes.

A canção “Triste, louca ou má”, da banda Francisco, el Hombre (2016), expressa discursos de resistência feminina que dialogam com processos históricos mais amplos relacionados ao patriarcado e às desigualdades de gênero. Metodologicamente, este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico, fundamentada na análise de produções acadêmicas sobre ensino de História, relações de gênero e uso de fontes culturais, articuladas à interpretação da música “Triste, Louca ou Má”, da banda Francisco, el Hombre (2016).

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo geral analisar as possibilidades do uso da música “Triste, Louca ou Má” (2016) como estratégia pedagógica no ensino de História, buscando compreender sua contribuição para a problematização das relações de gênero, das normas sociais e da resistência feminina em sala de aula no ensino de História do Ensino Médio.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O uso metodológico da música como fonte documental e narrativa no ensino de História permite problematizar as estruturas de poder que, historicamente, silenciaram e excluíram as mulheres como sujeito histórico. Assim, para compreender a resistência feminina, como gênero, é preciso primeiramente definir e entender o que é “gênero”, pois não se trata de um conceito biológico, mas sim como uma categoria histórico-social. Conforme Scott (2017, p. 86), “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder.” Essa perspectiva, permite analisar o que definimos como “feminino” se trata de uma construção histórica, social e cultural, imposta para manter ou transformar a ordem social estabelecida. Essas relações de poder são sustentadas por discursos que buscam manter identidades rígidas para o feminino, como analisa Scott (2017, p. 86):

Esses conceitos estão expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas e tomam a forma típica de uma oposição binária fixa, que afirma de maneira categórica e inequívoca o significado do homem e da mulher, do masculino e do feminino. De fato, essas afirmações normativas dependem da rejeição ou da repressão de possibilidades alternativas e, algumas vezes, elas são abertamente contestadas.

A análise da resistência feminina e das estruturas de opressão exige o mergulho nas raízes da violência de gênero e na compreensão do sistema patriarcal. A música “Triste, louca ou má” (2016) atua justamente na contestação dessa estrutura de poder, ao questionar os estigmas atribuídos à mulher que rompe com a norma. Segundo Saffioti (2015, p. 9), o

patriarcado é um sistema de dominação e exploração, que favorece o masculino e que não se limita a esfera privada mas atravessa toda a sociedade, tal estrutura se revelam como um

fenômenos sociais relativamente ocultos – ou por que há que se preservar a família, por pior que ela seja, na medida em que esta instituição social está envolta pelo sagrado, ou por que se tem vergonha de expô-los. Com efeito, um marido que espanca sua mulher, em geral, é poupado em vários dos ambientes por ele frequentados, em virtude de este fato não ser de conhecimento público. (Saffioti, 2015, p. 9).

Desse modo, para Saffioti (2015) ao analisar teoricamente os conceitos de patriarcado e gênero é possível identificar as “raízes” da opressão vivenciada pelas mulheres na sociedade em que vivem, assim possivelmente incentivando a procurar ajuda ou se posicionar. Nesse sentido, dialogando com a perspectiva de Saffioti, a música da banda Francisco, el Hombre reflete sobre os “rótulos” destinados às mulheres na sociedade patriarcal, desse modo a música atua como uma desconstrução da estrutura patriarcal que historicamente invisibiliza e violenta o sujeito feminino, incentivando a reflexão e o pensamento crítico.

Nesse sentido, ao dialogar com a perspectiva de Saffioti (2015) acerca das estruturas patriarcais e das raízes da opressão de gênero, torna-se necessário ampliar essa discussão, compreendendo que as relações de poder não se dão de forma unilateral ou fixa. Assim, ao aprofundar a compreensão dessas dinâmicas no campo de gênero, Guacira Lopes Louro (2003) contribui ao problematizar a ideia de uma relação estática entre dominação masculina e submissão feminina. Como afirma a autora: “Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder.” (Louro, 2003, p. 40). A partir dessa perspectiva, compreende-se que o poder não está concentrado apenas em um único polo, mas circula socialmente, sendo exercido em múltiplas direções e constantemente atravessado por resistências. Assim, as relações entre homens e mulheres não podem ser entendidas de forma estática, mas como um campo dinâmico de disputas, negociações e transformações. Desse modo, pensar a resistência feminina implica reconhecer que, mesmo em contextos de opressão, às mulheres não são sujeitos passivos, mas agentes que questionam, reconfiguram e tensionam as normas sociais estabelecidas.

No campo do ensino de História, o uso de diferentes linguagens, como a música, dialoga com a crítica ao ensino tradicional, ampliando as possibilidades de aprendizagem. Conforme destaca Circe Maria Fernandes Bittencourt (2008, p. 229): “O método tradicional fundamenta-se na ideia de que ensinar é transmitir um conhecimento e aprender é repetir tais conhecimentos da maneira como foi transmitido.”

Nessa perspectiva, a superação desse modelo implica a adoção de metodologias que valorizem a participação ativa dos alunos e seus conhecimentos prévios. Assim, o uso da música

como fonte histórica possibilita romper com a lógica da mera memorização, promovendo a problematização, a construção do pensamento crítico e a articulação entre o conhecimento escolar e a realidade social dos estudantes. Desse modo, a abordagem metodológica adotada neste trabalho contribui para um ensino de História mais reflexivo, crítico e significativo. Assim, a utilização da música “Triste, louca ou má” (2016) como recurso didático possibilita a reflexão crítica sobre as relações de gênero no ensino de História.

Ademais, Squire (2014, p. 247), a narrativa deve ser compreendida como:

uma cadeia de signos com sentidos sociais, culturais e/ou históricos particulares, e não gerais. Esta definição significa que narrativas podem implicar conjuntos de signos que se movimentam temporalmente, causalmente ou de alguma outra forma socioculturalmente reconhecível e que, por operarem com a particularidade e não com a generalidade, não são reduzíveis a teorias. Nesta definição, a narrativa pode operar em várias mídias, inclusive em imagens imóveis. Ela deriva simplesmente da sucessão de signos, independentemente do sistema de símbolos, da mídia ou da “matriz semiótica” em que esta sucessão ocorre. No entanto, em uma narrativa, o movimento de signo para signo tem um significado social, cultural e histórico reconhecível.

Dessa maneira, a utilização da música “Triste, louca ou má”, da banda Francisco, el Hombre (2016), como ferramenta pedagógica em sala de aula, fundamenta-se na compreensão da narrativa que aborda novas perspectivas. Ao introduzir a música, o docente analisa a interrupção do discurso patriarcal abordada na letra, além de analisar quais fatores e fenômenos levaram à marginalização histórica das experiências femininas, proporcionando que os discentes se identifiquem com as trajetórias de memória e resistência apresentadas na letra. Assim, a narrativa deixa de ser apenas um relato de fatos para se tornar um espaço de construção de novos significados e de emancipação no ambiente escolar.

Por fim, compreender como a música pode contribuir para a formação como narrativa de memória no ensino de História pode ser fundamentada a partir das contribuições sobre a memória coletiva. A memória não é só um fenômeno individual, “as memórias de um indivíduo nunca são só suas, uma vez que nenhuma lembrança pode existir apartada da sociedade.” (Casadei, 2010, p. 154). Nesse contexto, a memória se relaciona com as experiências que os indivíduos vivenciam socialmente, bem como é moldada por parâmetros como a linguagem, cultura e grupo na qual está inserido. Nesse sentido, a memória coletiva não é neutra, haja vista que é atravessada por disputas e interpretações,

Ao tratar a questão da memória coletiva como um dado comunicacional, várias implicações são articuladas a partir da noção de que os mesmos problemas que afligem a comunicação atingem também a memória coletiva. E isso diz respeito.

basicamente, ao fato de que ela está sujeita a erros de transmissão, a mal entendidos e até mesmo, a distorções conscientes em torno do passado. (Casadei, 2010, p. 157).

Assim, a memória é atravessada por narrativas, que por sua vez é moldada pelo sistema social na qual é submetida. Assim, ao utilizar a música como recurso didático em sala de aula do Ensino Médio, é possível compreendê-la como uma reconstrução de memória, nos quais diferentes narrativas de memória podem ser ressignificadas, contribuindo para o pensamento crítico dos discentes acerca do sujeito histórico feminino.

ANÁLISE DA MÚSICA

A música “Triste, louca ou má”, da banda Francisco, el Hombre (2016), possibilita uma análise potente das relações de gênero ao expor, de forma crítica, os padrões sociais impostos às mulheres. Logo nos primeiros versos, observa-se o processo de rotulação social:

Triste,	louca	ou	má
Será			qualificada
Ela	quem		recusar
Seguir	receita		tal
A	receita		cultural
Do marido, da família			
Cuida, cuida da rotina			
(Francisco, el Hombre, 2016)			

Aqui evidencia-se a existência de um mecanismo social que rotula e deslegitima mulheres que não se adequam às normas estabelecidas, especialmente aquelas ligadas ao casamento, à família e ao cuidado doméstico, a letra aponta que mulheres que não seguem essa “receita cultural” passam a ser socialmente classificadas e deslegitimadas, sendo enquadradas em categorias pejorativas como “triste”, “louca” ou “má”. Essa ideia dialoga diretamente com a perspectiva de Saffioti (2015), ao compreender que a sociedade patriarcal se sustenta por meio de relações de dominação que não se limitam à violência física, mas incluem dimensões simbólicas, morais e psicológicas.

Ademais, a música ao denunciar a “receita cultural do marido, da família”, ela evidencia justamente esse conjunto de normas que operam como formas de controle sobre a vida das mulheres, restringindo suas possibilidades de existência e reforçando sua subordinação. Além disso, ao afirmar que:

E Minha um homem não me define
 Casa não me define

Minha carne não me define
Eu sou meu próprio lar
(Francisco, el Hombre, 2016)

A música rompe com essas imposições e propõe uma ressignificação da identidade feminina. Nesse ponto, é possível articular essa ideia com a reflexão de Louro (2003), que compreende o gênero como uma construção produzida nas e pelas relações de poder. Ou seja, aquilo que define o “ser mulher” não é algo natural ou fixo, mas resultado de práticas sociais que podem ser questionadas, transformadas e resistidas. A partir dessa perspectiva, a música não apenas denuncia a opressão, mas também evidencia a resistência. Quando afirma:

Eu não me vejo na palavra
Fêmea, alvo de caça
Conformada vítima
Ela desatinou
desatou nós
Vai viver só
(Francisco, el Hombre, 2016).

Aqui há uma ruptura simbólica com as expectativas sociais impostas, indicando que a mulher pode recusar os papéis tradicionais e construir novos caminhos para si. Essa ideia reforça o argumento de Louro (2003), de que o poder não é estático, mas circula nas relações sociais, sendo constantemente tensionado por práticas de resistência.

Outro ponto relevante é quando a letra afirma:

Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
ver cores nas cinzas
E a vida reinventar
(Francisco, el Hombre, 2016)

O que sugere a recusa de modelos previamente estabelecidos de vida feminina. Esse movimento pode ser compreendido como uma forma de agência, isto é, a capacidade das mulheres de agir sobre sua própria realidade, mesmo em contextos marcados por desigualdades. Assim, a música evidencia que, embora inseridas em estruturas opressivas, as mulheres não são sujeitos passivos, mas atuam ativamente na reconfiguração dessas estruturas.

Partindo dessa dimensão crítica presente na canção, no contexto do ensino de História, a música pode ser compreendida como um recurso metodológico que contribui para a problematização dos conteúdos históricos e para a construção ativa do conhecimento pelos estudantes. De acordo com Bittencourt (2008), a simples inserção de novos materiais

pedagógicos não implica, necessariamente, uma renovação metodológica, caso permaneça uma lógica de ensino baseada na transmissão de informações prontas e na postura passiva do aluno. Assim, a autora destaca a necessidade de diferenciar o uso de recursos didáticos de uma efetiva transformação nas concepções de ensino e aprendizagem.

Nessa perspectiva, a música “Triste, Louca ou Má” pode ser utilizada em sala de aula não apenas como elemento ilustrativo, mas como fonte histórica e instrumento de análise crítica das relações sociais. Sua utilização permite que os estudantes identifiquem normas de gênero naturalizadas, questionem padrões sociais historicamente construídos e estabeleçam relações entre o conteúdo escolar e suas próprias experiências.

Segundo Bittencourt (2008), a renovação do ensino de História depende da articulação entre métodos e conteúdos, considerando o estudante como sujeito ativo do processo de aprendizagem. Nesse sentido, o uso da música contribui para essa abordagem ao mobilizar interpretações, experiências e representações sociais já presentes no repertório discente, transformando a aula em um espaço de reflexão e investigação histórica.

Assim, a música no ensino de História não deve ser reduzida a um recurso motivacional ou ilustrativo, mas compreendida como um instrumento metodológico que favorece a construção crítica do conhecimento histórico. Ao articular linguagem artística e reflexão histórica, sua utilização contribui para uma aprendizagem mais significativa e para o desenvolvimento de uma postura crítica frente às construções sociais, como as relações de gênero evidenciadas na canção.

METODOLOGIA

Esta pesquisa possui caráter qualitativo e bibliográfico, articulando a análise teórica com uma proposta prática voltada ao ensino de História no Ensino Médio. Parte-se da compreensão de que a música pode ser uma importante aliada no processo de ensino e aprendizagem, especialmente por dialogar com o cotidiano dos estudantes e possibilitar reflexões sobre questões sociais relevantes, como as relações de gênero. Nesse contexto, a canção de Francisco, El Hombre (2016), foi escolhida como objeto de análise por apresentar, em sua letra, elementos que questionam padrões sociais e evidenciam formas de resistência feminina.

A proposta metodológica pensada para a sala de aula ocorre de maneira fluida e participativa. Inicialmente, o professor introduz o tema, promovendo uma conversa com os alunos sobre o papel das mulheres na História e como, muitas vezes, suas experiências foram

silenciadas. Em seguida, a música é apresentada, criando um momento de escuta atenta, no qual os estudantes podem se envolver com a letra e refletir sobre suas primeiras impressões.

A partir disso, inicia-se uma discussão mais aprofundada, em que os alunos são incentivados a compartilhar suas interpretações, identificar trechos marcantes e relacioná-los com situações do cotidiano e com questões sociais mais amplas. Nesse momento, o professor atua como mediador, ajudando a conectar as falas dos estudantes com conceitos teóricos sobre gênero, poder e resistência, tornando o aprendizado mais significativo.

Na continuidade, a música é trabalhada como uma fonte histórica, permitindo que os alunos compreendam que ela não é apenas uma expressão artística, mas também um reflexo de contextos sociais e históricos. Assim, são estabelecidas relações com processos históricos maiores, como a construção do patriarcado e as lutas das mulheres por direitos e reconhecimento.

Por fim, os estudantes são convidados a expressar suas reflexões por meio de diferentes atividades, como textos, debates ou produções criativas. Essa etapa valoriza a autonomia e a voz dos alunos, permitindo que eles se posicionem criticamente diante das questões discutidas. Dessa forma, a metodologia busca tornar a aula mais dinâmica, próxima da realidade dos discentes e voltada para a formação de sujeitos críticos e conscientes.

CONCLUSÃO

A análise da música “Triste, Louca ou Má” (2016) evidencia seu potencial como instrumento metodológico no ensino de História, especialmente no que se refere à problematização das relações de gênero e à valorização da mulher como sujeito histórico. A canção permite evidenciar como normas sociais foram historicamente construídas para regular comportamentos femininos, ao mesmo tempo em que revela práticas de resistência e afirmação identitária.

Ao dialogar com os referenciais teóricos mobilizados, foi possível compreender que o gênero constitui uma categoria histórica e social, atravessada por relações de poder que se manifestam tanto em estruturas institucionais quanto em práticas cotidianas. Nesse sentido, a música analisada não apenas denuncia essas estruturas, mas também contribui para a desconstrução de discursos naturalizados sobre o feminino.

No campo educacional, destaca-se que a utilização da música como recurso didático ultrapassa a dimensão ilustrativa, configurando-se como uma estratégia que favorece a aprendizagem significativa. Ao mobilizar emoções, experiências e repertórios culturais dos

estudantes, a música possibilita a construção de interpretações críticas sobre a realidade social, aproximando o conteúdo escolar do cotidiano dos discentes.

Além disso, a proposta metodológica apresentada reforça a importância de práticas pedagógicas que valorizem a participação ativa dos alunos, incentivando a reflexão, o debate e a produção de conhecimento. Dessa forma, o ensino de História torna-se um espaço de problematização e transformação, contribuindo para a formação de sujeitos críticos e conscientes de seu papel na sociedade.

Por fim, conclui-se que a inserção de linguagens artísticas, como a música, no ensino de História amplia as possibilidades de abordagem dos conteúdos, promovendo uma educação mais inclusiva, plural e comprometida com a valorização das diferentes experiências históricas, especialmente aquelas historicamente silenciadas, como as das mulheres.

RESULTADOS

O resultado da análise aponta que “Triste, Louca ou Má” (2016), mostra que o uso da música pode ser um bom recurso didático para ser utilizado no ensino de História do Ensino Médio. Em especial, se for utilizado para criticar os padrões e opressão impostos às mulheres controladas pelo patriarcado. A canção permite identificar processos de rotulação e marginalização feminina, ao mesmo tempo em que explicita formas de resistência e afirmação da autonomia das mulheres.

A música, ao ser utilizada em sala de aula, pode favorecer o entendimento do conteúdo abordado, pode também estimular a participação coletiva e a interpretação crítica dos estudantes. Além disso, os alunos podem relacionar a letra da música com situações do cotidiano, ampliando a compreensão das relações de gênero para além do conteúdo escolar abordado.

DISCUSSÃO

É possível, através dos resultados, discutir o uso da música -como linguagem e arte-, vai além de um recurso ilustrativo, mas também como uma estratégia metodológica que contribui para a problematização das relações sociais. Em diálogo com Saffioti (2015), a música evidencia como o patriarcado age por meio de mecanismos simbólicos e culturais, que naturalizam a subordinação feminina e reforçam normas sociais restritivas.

A música também dialoga com Louro (2003), ao revelar as construções sociais de gênero, e a resistência feminina à opressão. Nesse sentido, a música aponta possibilidades de ruptura dessas relações de poder ao afirmar: “E um homem não me define; Minha casa não me define; Minha carne não me define; Eu sou meu próprio lar.” (Francisco El Hombre, 2016)

Além disso, no ensino de História, o uso da música pode favorecer um aprendizado mais significativo de lúdico, e ao estimular a reflexão, o debate e a construção coletiva do conhecimento, haja vista que, conforme Bittencourt (2008), a utilização de diferentes linguagens contribui para a superação do ensino tradicional, centrado na transmissão de conteúdos.

Dessa forma, os resultados confirmam que a inserção da música em sala de aula contribui para a formação de uma consciência histórica crítica, permitindo que os estudantes compreendam as relações de gênero como construções históricas e sociais, além de reconhecerem a importância da resistência feminina ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Educação e desenvolvimento cultural e artístico.** Educação e Realidade, v. 20, n. 2, p. 9-17, jul./dez. 1995.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CASADEI, E. B. **Maurice Halbwachs e Marc Bloch em torno do conceito de memória coletiva.** Revista Espaço Acadêmico, v. 9, n. 108, p. 153-161, 27 abr. 2010.

FRANCISCO EL HOMBRE. **Triste, louca ou má.** In: Soltasbruxa. São Paulo: Navegantes, 2016.

GIL, Carmem Zeli de Vargas; EUGÊNIO, Jonas Camargo. **Ensino de história e temas sensíveis: abordagens teórico-metodológicas.** Revista História Hoje, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 139-159, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade, [S. l.], v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 30 mar. 2026.

SQUIRE, Corinne. **O que é narrativa?**. Civitas-Revista de Ciências Sociais, v. 14, p. 272-284, 2020.

